

Mapeamento dos sítios arqueológicos do município de Florânia/RN

Luiz Dutra de Souza Neto
Professor do Departamento de Arqueologia
Museu Câmara Cascudo / UFRN
E-mail: ldutra@digicom.br

Daniel Bertrand
Graduado em História / UFRN
Pesquisador colaborador do Departamento de Arqueologia
Museu Câmara Cascudo / UFRN
E-mail: dbertrand04@hotmail.com

Resumo

O presente artigo tem como objetivo apresentar os primeiros resultados do “Projeto Arqueológico do Município de Florânia/RN”, projeto este, que tem como principal tarefa realizar um estudo do processo ocupacional deste município ao longo da história. A primeira etapa da pesquisa foi o mapeamento dos sítios arqueológicos pré-históricos e históricos existentes onde já foram identificados dezoito sítios arqueológicos. Através do material desses sítios, identificamos três horizontes de ocupação: um histórico ligado a segunda metade do século XIX; e dois pré-históricos, sendo um caçador coletor e outro ceramista ligado a tradição tupiguarani.

Palavras-Chave

Arqueologia - Pré-história - Tupiguarani

Introdução

Este artigo tem como objetivo apresentar os primeiros resultados da “Projeto Arqueológico do Município de Florânia/RN”, projeto desenvolvido pelo Departamento de Arqueologia do Museu Câmara Cascudo em parceria com a prefeitura municipal de Florânia. O projeto em questão tem como objetivo principal realizar um estudo do processo ocupacional do município de Florânia, da pré-história a história, através da análise da cultura material em relação ao contexto ecológico que o mesmo está inserido.

Na primeira etapa do trabalho será o levantamento do potencial arqueológico do município, através do mapeamento dos possíveis sítios arqueológicos existentes no município. Foram realizadas até o presente momento duas visitas, a primeira de sete de julho a dez de julho e a segunda de vinte e nove de julho a quatro de agosto, a região com o objetivo de localizar evidências da passagem do homem por Florânia. Nessas duas visitas foram registradas as presenças de dezoito sítios arqueológicos na área que abrange o município, tanto pré-histórico como histórico.

Localização Geográfica

O município de Florânia está localizado na região do Seridó do Rio Grande do Norte, na microrregião de Serra de Santana fazendo fronteira com os municípios de Jucurutu, Santana do Matos, Bodó, Cerro Cora, Lagoa Nova, São Vicente e Tenente Laurentino Cruz. O município está distante duzentos e vinte e seis quilômetros da capital do Estado, com uma área territorial de quinhentos e nove quilômetros quadrados, onde residem, aproximadamente nove mil pessoas.

Mapa de localização do município de Florânia



O clima predominante na área, bem como em grande parte do Estado do Rio Grande do Norte, pode ser classificado como clima muito quente e semi-árido, com estação chuvosa que se atrasa para outono, como ainda tropical quente de seca acentuada. O mês mais frio acusa uma média superior a dezoito graus, enquanto no mês mais quente atinge temperaturas de até quarenta e dois graus a sombra. As precipitações variam entre quinhentos e setecentos milímetros anual, sendo que o período com precipitação superior a vinte milímetros mensais inicia-se em janeiro, podendo ir até junho, enquanto os meses que vão de julho a dezembro apresentam precipitações sempre inferior a vinte milímetros. Nas áreas de maior altitude, como a serra do Tapuio e de Santana, predomina o tipo climático tropical chuvoso, com invernos secos, onde a estação chuvosa se atrasa para o outono. As formações vegetais presentes no município são típicas da caatinga hiperxerófica do tipo arbustivo, apesar da acentuada influência antropica, pode-se encontrar vegetais arbustivos naturais que se preservam nas partes mais altas do relevo, tais como: pereiro, mufumbu, faveleiro, xique-xique, facheiro, jurema preta, catingueira, marmeleiro, angicos, entre outros.

O relevo pode ser mais bem visualizado se dividido em superfícies dos cristalinos e platôs residuais do terciário. A origem da atual morfologia das áreas do cristalino potiguar foi provavelmente por variações climáticas que resultaram em elevações testemunhos do clima úmido, os inselbergs, ocorrendo normalmente em forma alinhada, aglomerada ou mesmo isolada. Algumas áreas do relevo são caracterizadas por uma topografia ondulosa e montanhosa, como encostas e conjuntos de

morros ou gargantas, existindo vales profundos. Os platôs residuais do Terciário são resíduos de antigas e extensas elevações, representantes da antigas superfícies erodidas do cristalino.

A rede hidrográfica da região de Florânia é contida totalmente por rios e riachos temporários, onde se destacam os rios Quimporó, conhecido na região por Rossaurubu, Capim-Açu, Garganta e os riachos Fechado, Patacoró e Barro Branco, que nascem na serra de Santana, ao norte, e possuem cursos que seguem para o sul em antigas fraturas geológicas, existem outros riachos menores afluentes destes. Regionalmente destacam-se os rios Seridó e Piranhas–Assú, onde o primeiro é tributário do segundo.

Metodologia

Os procedimentos adotados durante as pesquisas arqueológicas na área que abrange o município de Florânia seguiram os seguintes passos. Em laboratório realizamos uma revisão bibliográfica da área em questão. Já que Pedro A. Mentz Ribeiro recomenda:

antes de enfrentar um trabalho de campo, realizar uma consulta bibliográfica sobre área onde vai se atuar. Não é para influenciar nosso estudo, criando idéias fixas ou critérios preestabelecidos, o que é anticientífico. Esta preparação deverá ser levada em conta como auxílio, um complemento, para não nos surpreendermos. Também servirá para, em caso de lançarmo-nos à publicação daquilo que encontramos, não repetirmos experiências anteriores¹.

Em conjunto com essa revisão bibliográfica realizamos um estudo toponímico da região, em mapas da SUDENE escala de 1:100.000, na busca de identificar indícios de ocupação humana, já que a Toponímia mostra para o pesquisador um novo horizonte de investigação, dando seguros indícios quanto aos povos que se estabeleceram².

Com as informações obtidas na revisão bibliográfica e da toponímia seguimos para o município como o objetivo de encontrar áreas com indícios de presença da passagem do homem. Decidimos adotar a prospecção extensiva da área, já que a mesma tem dimensões grandiosas, dificultando assim uma pesquisa mais aprofundada, pelo menos nesse primeiro momento. Já que com os resultados obtidos nesta etapa poderíamos escolher áreas para serem prospectadas intensivamente.

Percorremos então, os cursos dos principais rios, Garganta, Rossaurubu e Capim-Açu, o topo da Serra da Tapuia, conhecido pela comunidade por Serra do Cajueiro, e as áreas de planície. Sempre com o objetivo de identificar em superfície, já que nesta etapa não iríamos realizar prospecções de sub-superfície.

Junto com essas prospecções extensivas realizamos entrevistas com a comunidade local, sempre questionando os mesmos sobre a existência de vestígios arqueológicos. Isto porque entendemos que

Os camponeses, os homens ligados à terra, os pastores, homens simples, se não compreendem todos os fenômenos, sabem entretanto, observá-los notavelmente. As coisas que eles não podem explicar impressionam fortemente a sua imaginação. Como o ser humano se recusa (e isso desde a aurora dos tempos) a reconhecer a sua ignorância, inventa, naturalmente, razões, explicações, acabando, com a continuação, por acreditar firmemente nessas extrapolações.³

Para esses questionamentos utilizamos o vocabulário usado por esses moradores locais para denominar os vestígios arqueológicos:

- Os registros rupestres – letreiros, pinturas, pedra pintada, gravada, ferrada e rajada;
- Cerâmicas – cacos de telha, potes de índios;
- Pedra polida – pedra de corisco, pedra de raio;
- Pedra lascada – pedra de fogo, pedra de fígado de galinha.

Com a identificação dos locais que apresentavam vestígios arqueológicos em superfície fazíamos o registro de suas coordenadas geográficas com a utilização de GPS, como também o tipo de vestígios associado e a sua implantação na paisagem. Em seguida, caracterizamos os locais com indícios nas seguintes categorias classificatórias, para assim termos um melhor entendimento da arqueologia da região:

- Sítios arqueológicos – “corresponde à menor unidade do espaço passível de investigação, dotada de objetos intencionalmente produzidos ou rearranjados, que testemunham comportamentos das sociedades do passado”⁴.
- Ocorrências Arqueológicas – “objeto único ou quantidade ínfima de objetos aparentemente isolados ou desconexos encontrado em determinado local”⁵.
- Geoindicadores Arqueológicos – “elementos do meio físico-biótico dotados de alguma expressão locacional para os sistemas regionais de povoamento, marcando locais de assentamentos antigos”⁶.

Após essa etapa de identificação e mapeamento, serão escolhidos entre os identificados, os mais relevantes para um estudo específico das culturas arqueológicas existentes no município de Florânia.

Sítios Arqueológicos

Foram identificados durante as pesquisas de campo, dezoito sítios arqueológicos, sendo oito histórico do século XIX, sete pré-históricos lito-cerâmico ligados à tradição Tupiguarani, dois pré-históricos líticos, ligados a grupos caçadores-coletores, e um com registros rupestres (este já identificado pelo MCC na viagem de 1999); quatro ocorrências arqueológicas e um geoindicador arqueológico:

1. Nome: Sítio Arqueológico Chã Preta (sigla Cp)

Tipo: Histórico século XIX

Implantação na paisagem: Meia e Alta Encosta da Serra do Cajueiro.

Vestígios identificados: Cerâmica neo-brasileira, Faiança Fina Inglesa e Vidro.

Coordenada geográfica: 24 M 0754085/9331436.

Descrição do sítio: Sítio Arqueológico histórico do século XIX, implantado em meia e alta encosta da porção noroeste da Serra do Cajueiro. Os vestígios arqueológicos estão localizados em superfície, dispersos, com uma maior concentração na alta encosta (parte plana do topo), não conseguimos identificar a concentração dos vestígios por causa vegetação densa que cobre a área do sítio.



Figura 01: Faiança fina inglesa com marca e vidro.



Figura 02: Faiança fina inglesa e cerâmica neobrasileira.



Figura 03: Cerâmica neobrasileira.

2. Nome: Sítio Arqueológico Pau do Oco (sigla Po)

Tipo: lito-cerâmico, ligado a Tradição Tupiguarani

Implantação na paisagem: Topo da Serra do Cajueiro.

Vestígios identificados: Cerâmica roletada com e sem decoração (pintada), calibrador e lascas em sílex.

Coordenada geográfica: 24 M 0747275/9330290

Descrição do sítio: Sítio arqueológico do tipo lito-cerâmico, ligado a Tradição Tupiguarani através de peças diagnósticas como cerâmica pintada. O sítio está implantado em um platô localizado no topo da Serra do Cajueiro a \approx 50 metros da encosta. Os vestígios arqueológicos identificados estão dispersos na superfície, não podendo afirmar se há concentrações de vestígios porque a área onde os mesmos estão localizados foram realizados trabalhos agrícolas com a utilização do arado e retirada da mata original. Mas nas áreas do entorno, onde a mata de caatinga arbustiva original está preservada, foram identificados vestígios em superfície demonstrando ser uma grande área com dispersão de vestígios ainda a ser dimensionado.



Figura 04: Cerâmica Tupiguarani pintada.



Figura 05: Artefato Polido, calibrador.



Figura 06: Área onde foram localizados os vestígios arqueológicos.

3. Nome: Sítio Arqueológico Boa Vista 1 (sigla Bv1)

Tipo: lito-cerâmico, ligado a Tradição Tupiguarani

Implantação na paisagem: Topo da Serra do Cajueiro.

Vestígios identificados: Cerâmica roletada sem decoração e lascas de sílex

Coordenadas geográficas: 24 M 0745983/9329870

Descrição do sítio: Sítio arqueológico do tipo lito-cerâmico ligado a tradição Tupiguarani. O sítio está implantado no topo da Serra do Cajueiro em um platô. Os vestígios foram identificados em superfície, no corte do barranco de uma estrada que corta a área do sítio, e também dentro de manchas pretas de forma circular (terra orgânica). No entorno dessas manchas com vestígios em área roçada com capim plantado temos a presença de fragmentos de cerâmica. Segundo informações do senhor Enoque Soares, proprietário da área, o mesmo já encontrou um grande pote de cerâmica na área enquanto roçava a mesma.



Figura 07: Manchas escuras com vestígios arqueológicos.



Figura 08: Vestígios líticos em sílex.



Figura 09: Vestígios cerâmicos nas manchas escuras.

4. Nome: Sítio arqueológico Capim-Açu 1 (sigla Ca1)

Tipo: Registros Rupestres

Implantação na paisagem: Em grande blocos de pedra localizados na margem esquerda do rio Capim-Açu

Vestígios identificados: Registros rupestres pintados sobre rocha na coloração vermelha apresentando motivos geométricos, mãos em positivo e antropomorfo.

Coordenadas geográficas: 24 M 0478712/9323830

Descrição do sítio: Sítio arqueológico com a presença de registros rupestres do tipo pintado, na cor vermelha apresentando motivos geométricos, mãos em positivo e Antropomorfo. Estes registros rupestres estão localizados em grandes blocos de pedra implantados na margem esquerda do rio temporário Capim-Açu. Os registros rupestres apresentam estarem sofrendo grande degradação por intemperismo de fatores naturais.

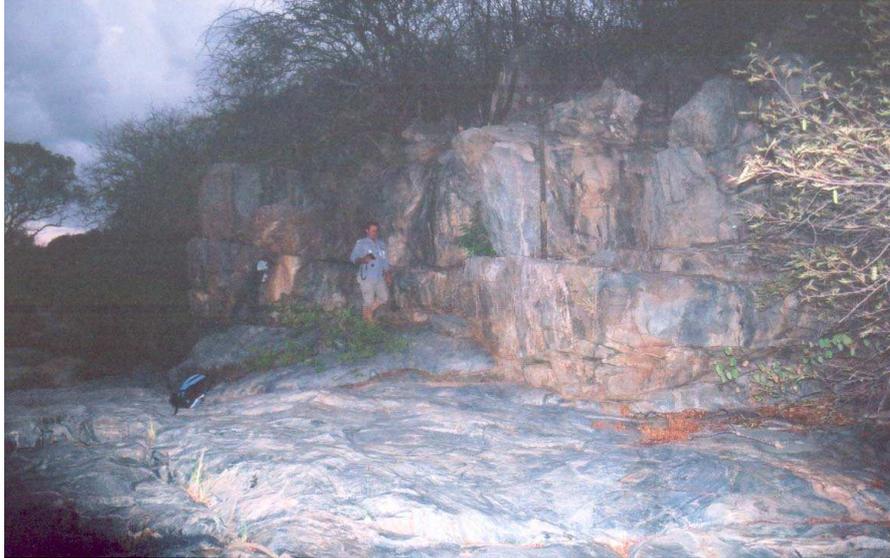


Figura 10: Área onde estão localizados as pinturas.



Figura 11: Figura Antropomorfa.



Figura 12: Figura geométrica.

5. Nome: Ocorrência Arqueológica Pilão (sigla Pi)

Coordenada geográfica: 24 M 0745544/9329888

Descrição: Nos fundos da casa do senhor Enoque Soares foi identificado em um afloramento rochoso um pilão escavado em um grande bloco rochoso localizado na alta encosta da Serra do Cajueiro. Não foram identificados em superfície em seu entorno outros vestígios arqueológicos. Segundo informações do senhor Enoque existia outro pilão escavado, mas este foi destruído em uma sua tentativa de recolhe-lo.



Figura 13: Pilão escavado em bloco de granito.



Figura 14: Bloco de granito onde está localizado o pilão.

6. Nome: Geoindicador Serra do Cajueiro (sigla Sc)

Coordenada geográfica: 24 M 0745175/9330176

Descrição: Próxima a estrada calçada que liga a Serra do Cajueiro a sede do município de Florânia. Foram identificados junto a uma calha pluvial que desce a serra uma quantidade considerável de blocos de sílex e arenito silicificado, podendo ser esta uma área de captação de matéria-prima.

7. Nome: Sítio arqueológico Serra Nova 1 (sigla Sn1)

Coordenada geográfica: 24 M 0750755/9329430

Descrição: O sítio foi localizado em lotes de assentados de famílias de sem terra pelo INCRA na Serra Nova, localizado na Serra do Cajueiro. O sítio está implantado em um platô em área utilizada atualmente para o cultivo de subsistência como a feijão, milho e mandioca. Foram localizados em superfície vestígios cerâmicos tupiguarani e líticos em sílex.



Figura 15: Área de implantação do sítio Serra Nova 01.



Figura 16: Vestígios cerâmicos identificados em superfície no sítio Serra Nova 01.



Figura 17: Vestígios líticos identificados em superfície no sítio Serra Nova 01.

8. Nome: Sítio arqueológico Serra Nova 2 (sigla Sn2)

Coordenada geográfica: 24 M 0749813/9329372

Descrição: O sítio foi localizado também em área de lotes de assentados na Serra Nova, localizado na Serra do Cajueiro. O sítio está implantado em alta encosta em uma pequena área plana utilizada atualmente para o cultivo de subsistência, feijão, milho e mandioca. Foram localizados em superfície vestígios cerâmicos tupiguarani, líticos em sílex e batedor.



Figura 18: Área de implantação do sítio Serra Nova 02.



Figura 19: Fragmento cerâmico identificado em superfície Serra Nova 02.



Figura 20: Vestígios arqueológicos em superfície Serra Nova 02.

9. Nome: Sítio arqueológico Casa de Farinha (sigla Cf)

Coordenada geográfica: 24 M 0745565/9330758

Descrição: Segundo informações dos moradores da comunidade conhecida por “André” na Serra do Cajueiro, existia uma antiga casa de farinha onde encontramos em superfície faiança fina inglesa, grés, cerâmica neobrasileira e telha. Disperso na mesma área onde foram identificados esses vestígios históricos, foram encontrados vestígios arqueológicos pré-históricos, como lascas

e fragmentos de lascas em sílex. O sítio está implantado em média e baixa vertente de colina suave.



Figura 21: Faiança fina inglesa identificada em superfície no sítio Casa de Farinha.



Figura 22: Vestígio lítico identificado em superfície no sítio Casa de Farinha.

10. Nome: Sítio arqueológico São Bento 1 (sigla Sb1)

Coordenada geográfica: 24 M 0734395/9309682

Descrição: Área implantada em baixa vertente onde foram identificados os restos de uma antiga habitação, que segundo informações de moradores locais, a mesma é do período do final do século XIX pro início do XX. Foram identificadas no entorno da casa restos domésticos, como faiança fina inglesa, cerâmica neobrasileira.



Figura 23: Área de implantação do sítio São Bento 01.



Figura 24: Restos de estrutura do alicerce da habitação do sítio São Bento 01.

11. Nome: Sítio arqueológico São Bento 2 (sigla Sb2)

Coordenada geográfica: 24 M 0734088/9309464

Descrição: Casa localizada em baixa vertente distante 200 metros do São Bento 1, ainda em pé, onde segundos moradores locais a mesma é do período do final do século XIX pro início do XX. Foram identificados vestígios históricos no entorno de casa, como faiança fina inglesa e cerâmica neobrasileira. O cangaceiro Antonio Silvino se escondia nessa casa segundo relato de alguns moradores locais.

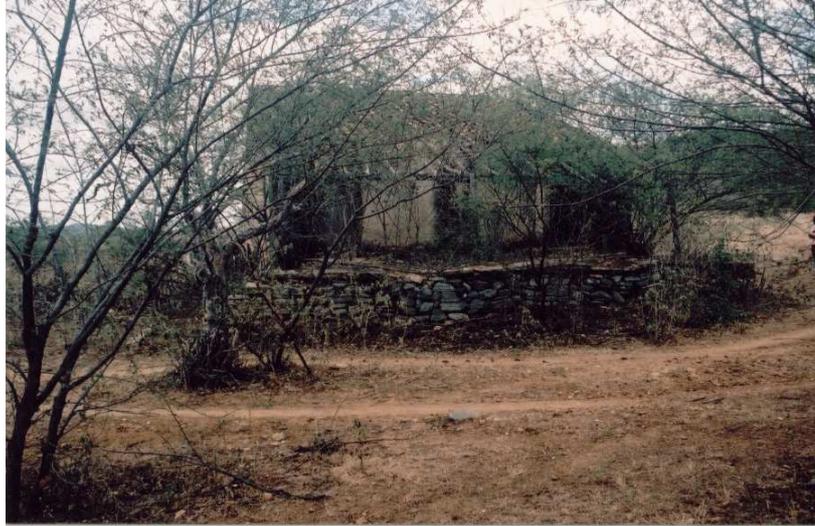


Figura 25: Antiga habitação do final do século XIX, sítio São Bento 02.



Figura 26: Vestígios arqueológicos identificados no entorno da casa, sítio São Bento 02.

12. Nome: Sítio arqueológico São Bento 3 (sigla Sb3)

Coordenada geográfica: 24 M 0734057/9309300

Descrição: Área implantada em baixa vertente onde foi identificada os restos de uma antiga habitação, que segundo informações de moradores locais, a mesma é do período do final do século XIX pro início do século XX. Foram identificadas no entorno da casa restos domésticos, como faianças finas inglesa, cerâmicas neobrasileira.



Figura 27: Área de implantação do sítio São Bento 03.



Figura 28: Vestígios arqueológicos, faianças fina inglesa e portuguesa, identificados no sítio São Bento 03

13. Nome: Sítio arqueológico Rossaurubu 1 (sigla Rs1)

Coordenada geográfica: 24 M 0743144/9322042

Descrição: Na fazenda Rossaurubu foi localizado próximo à sede da fazenda, uma área com vestígios históricos como faiança fina inglesa com várias decorações tendo algumas com marca, cerâmica neobrasileira, telha e tijolo. O sítio está implantado em média vertente de colina suave a uma distância média de 400 metros do riacho Rossaurubu.



Figura 29: Área de implantação do sítio Rossaurubu 01.



Figura 30: Vestígios arqueológicos identificados em superfície no sítio Rossaurubu 01.

14. Nome: Sítio arqueológico Rossaurubu 2 (sigla Rs2)

Coordenada geográfica: 24 M 0743202/9322200

Descrição: Na fazenda Rossaurubu foram localizados em outra área implantada na margem esquerda do riacho Rossaurubu vestígios históricos, como faiança fina inglesa, várias decorações tendo algumas com marcas, faiança portuguesas, cerâmicas neobrasileira, telha e tijolo.



Figura 31: Área de implantação do sítio Rossaurubu 02.



Figura 32: Faianças portuguesas identificadas em superfície do sítio Rossaurubu 02.

15. Nome: Sítio arqueológico Rossaurubu 3 (sigla Rs3)

Coordenada geográfica: 24 M 0743230/9322330

Descrição: No local onde existia uma antiga casa de farinha, foram identificados vestígios arqueológicos históricos, faiança fina inglesa (algumas com marca), telha e cerâmica neobrasileira. Junto com o material histórico, foram identificados em superfície disperso e em menor quantidade, vestígios arqueológicos pré-históricos, lascas de sílex e arenito silicificado. O sítio está implantado em uma colina suave na margem direita do riacho Rossaurubu a uma distância de 100 metros. Fazendo uma caminhada no entorno do sítio arqueológico identificamos fontes de matéria-prima, blocos de arenito silicificado e sílex, sempre em pequena quantidade e isolados.



Figura 33: Área de implantação do sítio Rossaurubu 03.



Figura 34: Vestígios históricos, faianças fina inglesa e portuguesa, identificados no sítio Rossaurubu 03.



Figura 35: Vestígio lítico identificado em superfície no sítio Rossaurubu 03.

16. Nome: Sítio arqueológico Capim-Açu 2 (sigla Cp2)

Coordenada geográfica: 24 M 0749884/9323982

Descrição: Em terraço fluvial do rio Capim-Açu, na margem direita, foram identificados vestígios arqueológicos do tipo lítico na media e alta vertente de uma colina suave. Entre os vestígios identificados em superfície há artefatos raspadores, plano convexos e plainas, lasca retocada, lasca com preparo de talão e microlasca. Esses vestígios identificados na média vertente estão escorrendo da colina.



Figura 36: Área de implantação do sítio Capim-Açu 2.



Figura 37: Lasca com preparo de talão em sílex identificado no sítio Capim-Açu 2.



Figura 38: Artefato raspador longitudinal plano convexo em sílex identificado em superfície no sítio Capim-Açu 2.

17. Nome: Sítio arqueológico Ana Caetana (sigla Ac)

Coordenada geográfica: 24 M 0745307/9331872

Descrição: Próxima a antiga casa de Ana Caetana (falecida) foram encontrados na estrada de acesso que leva a sua casa, vestígios arqueológicos do tipo lítico, artefatos, lascas e núcleos em sílex. O sítio está implantado na base, baixa vertente, de uma colina suave no topo da serra do Cajueiro.



Figura 39: Área onde foram identificados os vestígios arqueológicos no sítio Ana Caetana.



Figura 40: Vestígios líticos identificados em superfície no sítio Ana Caetana.

18. Nome: Sítio arqueológico Chã dos Mineiros (sigla Cm)

Coordenada geográfica: 24 M 0746502/9330504

Descrição: O sítio está localizado em platô a mais ou menos 100m da encosta da serra do Cajueiro. Os vestígios estão localizados em área utilizada para o cultivo de frutas, caju, goiaba, pinha e jaca. Foram identificadas, cerâmicas tupiguarani, bordas e paredes, materiais líticos, lascas de sílex e calibradores em arenito.



Figura 41: Área de implantação do sítio Chã dos Mineiros.



Figura 42: Fragmento cerâmico com decoração plástica corrugada em superfície no sítio Chã dos Mineiros.



Figura 43: Calibrador em arenito identificado em superfície no sítio chã dos Mineiros.

19. Nome: Sítio arqueológico Cemitério (sigla Ce)

Coordenada geográfica: 24 M 0746343/9329734

Descrição: Em área localizada por traz do cemitério publico na serra do Cajueiro foram identificadas em superfície uma quantidade considerável de vestígios cerâmicos tupiguarani.



Figura 44: Área de implantação do sítio Cemitério.



Figura 45: Fragmento cerâmico identificado em superfície no sítio Cemitério.

20. Nome: Sítio arqueológico Boa Vista 2 (sigla Bv2)

Coordenada geográfica: 24 M 0746077/9329802

Descrição: Os vestígios estão localizados na margem da estrada que segue para o assentamento Serra Nova, ba fazenda Boa Vista. Os vestígios estão em superfície, em área cultivada, e no perfil do barranco da estrada. Presença de vestígios cerâmicos bordas simples e pintadas, fragmentos de parede e fusos e lascas em sílex.



Figura 46: Vestígios arqueológicos identificados em perfil de barranco de estrada que corta o sítio Boa Vista 2.



Figura 47: Vestígios arqueológicos identificados em superfície no sítio Boa Vista 2.

21. Nome: Ocorrência Arqueológica André 1 (sigla An1)

Coordenada geográfica: 24 M 0745423/9330874

Descrição: Presença de vestígios líticos e cerâmicos.



Figura 47: Vestígios arqueológicos identificados em superfície na ocorrência dos André 01.

22. Nome: Ocorrência Arqueológica André 2 (sigla An2)

Coordenada geográfica: 24 M 0745249/9331162

Descrição: Foi identificada em área próxima a estrada um artefato raspador lateral em sílex isolado em superfície.



Figura 48: Artefato raspador lateral identificado isolado em superfície na ocorrência André 2.

23. Nome: Ocorrência Arqueológica André 3 (sigla An3)

Coordenada geográfica: 24 M 0745167/9331134

Descrição: Foram identificados em estrada de acesso que liga a comunidade dos André ao Chã do Olegário vestígios arqueológicos do tipo lítico, lascas e microlascas de sílex.



Figura 49: Lascas de sílex identificados isolados na estrada na ocorrência André 3.

24. Nome: Ocorrência Arqueológica Riacho do Caboclo (sigla Rc)

Coordenada geográfica: 24 M 0739129/9323928

Descrição: Ocorrência arqueológica nas margens do riacho do Caboclo, foi encontrado em área erodida, em uma calha pluvial um artefato raspador lateral em arenito silicificado. Foram realizados

caminhamentos no entorno do local mas não foram registradas a presença de nenhum outro vestígio arqueológico.



Figura 50: Artefato raspador lateral em arenito silicificado isolado no Riacho do Caboclo.

Junto ao trabalho de prospecção arqueológica iniciou-se o levantamento dos bens patrimoniais de ordem material existente no município que tenham relevância para a história do município. Advertimos, todavia, que o município carece de um trabalho de levantamento do patrimônio cultural mais aprofundado. Foram feitos os registros fotográficos dos seguintes prédios:

- Igreja Matriz – esta construção data do início do século XX, foi construída no lugar da antiga igreja, a mais antiga. Segundo informações de Júnior Galdino, esta foi destruída com a reforma.
- Clube da cidade – este prédio recente que está localizado a uma distância de 100m dos fundos da igreja, era onde ficava o primeiro cemitério da cidade.
- Rua da antiga entrada e saída da cidade.
- Prefeitura Municipal - antigo ginásio do município.
- Casa de Antonio Giffoni (Hotel de Cesário) – patriarca da família Giffoni, família de italianos que se mudaram para Florânia na segunda metade do século XIX.
- A rua dos Italianos – atualmente rua Antonio Giffoni, antiga rua onde funcionava o comércio e depósitos de mercadorias do município.
- Área onde existia o açude da comissão – local de lazer da população da primeira metade do século XX, hoje esta aterrado.
- Centro Cultural – primeira escola do município.
- Casa utilizada no início do século XX como usina de beneficiamento de algodão e maniçoba.

- Maternidade de Florânia – hoje desativada.

Podemos verificar com esse levantamento patrimonial prévio do município de Florânia, que o mesmo apresenta um rico acervo cultural. Existem construções de um importante ciclo econômico que ocorreu no estado do Rio Grande do Norte, principalmente no Seridó, na segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX.

Contexto Arqueológico

Através do levantamento do patrimônio arqueológico, identificamos no cenário três horizontes culturais: Sendo um histórico, oito sítios arqueológicos, ligado ao século XIX; outros dois pré-históricos, um ligado a uma ocupação caçadora-coletora, quatro sítios arqueológicos, e outra ocupação ceramista, sete sítios arqueológicos, ligados à tradição arqueológica Tupiguarani.

A ocupação histórica identificada através da cultura material encontrada nos sítios arqueológicos, conjuntamente com o patrimônio arquitetônico existente na sede do município de Florânia, remete a um importante ciclo econômico ocorrido no território potiguar na segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX, o ciclo econômico do algodão.

Com o processo de colonização das capitanias e a implantação da monocultura açucareira, na zona da mata brasileira, deixou o interior do continente, sertão brasileiro, para economias voltadas para a manutenção da sociedade colonial açucareira, como foi o caso da criação de gado, principal atividade econômica implantada no interior do Rio Grande do Norte.

Em alguns momentos dessa ocupação histórica iniciada durante a colonização, o interior do Rio Grande do Norte desenvolveu outras atividades econômicas, concomitantemente a criação de gado. Sendo a mais significativa o cultivo do algodão, principalmente por esta atividade econômica estar ligada ao suprimento do mercado externo.

O ciclo do algodão ocorreu na província do Rio Grande em dois períodos distintos, o primeiro ocorreu na segunda metade do século XVIII e o segundo período na segunda metade do século XIX. Os dois períodos citados acima ocorreram por causa da quebra do fornecimento de algodão norte-americano para o mercado europeu. Essa quebra ocorreu por causa de conflitos ocorridos em território norte-americano, a guerra de independência das Treze Colônias Americanas e a Guerra Civil americana, a Guerra de Secessão.

Este segundo momento econômico da produção algodoeira consolidou essa atividade econômica no nordeste brasileiro, como também alavancou a economia provincial:

Dessa forma, os anos de 1850 e 1860, do ponto de vista econômico, foram os anos de um intenso desenvolvimento comercial na província, com o estabelecimento de comerciantes, principalmente estrangeiros, que trabalhavam com os negócios de importação de produtos europeus e a exportação de matérias-primas locais para o mercado externo.⁷

Podemos identificar nos sítios e vestígios arqueológicos a passagem desse período econômico pelo município de Florânia. Com a presença de vestígios arqueológicos de origem européia, faianças finas inglesas, certamente comercializadas por esses comerciantes estrangeiros. Como também a existência de edificações desse período que alojaram depósitos, usinas de beneficiamento de algodão, casas comerciais e domicílios de diferentes grupos sociais que participaram desse ciclo econômico, como os produtores de algodão e os dos imigrantes italianos que se instalaram no município de Florânia e participaram ativamente das atividades comerciais locais.

As ocupações pré-históricas identificadas durante o levantamento dos sítios arqueológicos existentes no município nos apresentaram dois cenários de ocupações pré-históricas, uma de grupos caçadores-coletores e outra de grupos ceramistas, ligados aos grupos tupiguaranis.

Esta ocupação caçador coletor identificado no município de Florânia esta habitando as regiões mais baixas do relevo, ocupando os fundos de vale, seguindo os cursos dos rios e a região de caatinga. Nos vestígios arqueológicos identificados verificamos a presença de artefatos raspador plano-convexo sobre lasca de sílex, comumente chamado de lesma, como também artefatos raspadores laterais e plainas, estas podendo ser feitas em sílex ou arenito silicificado. Fator importante a levantar, é em relação as fontes de matéria-prima, normalmente estas estão localizadas na própria área em forma de pequenos e médios blocos de arenito silicificado e sílex. Juntamente com esses artefatos verificamos a presença de lascas de descortçamento, fragmentos de lascas e algumas lascas com preparo de talão.

Com esses dados inicialmente levantados podemos apenas apontar alguns aspectos dessa ocupação. Tecnicamente este grupo ou grupos que estão ocupando os terraços dos rios pode estar associado aos grupos caçadores coletores que habitaram a região central do Estado, próximos ao rio Piranhas-Assu e seus afluentes.

Nesta região foram identificados e pesquisados sítios arqueológicos que apresentaram as mesmas características tecno-morfológicas dos artefatos: como os sítios Areião, Cuó, ambos localizados no município de Ipanguaçu e o sítio arqueológico Riacho da Volta, localizado no município de Angicos. Em ambos os sítios o conjunto artefactual é caracterizado pela presença de artefatos longitudinais plano-convexos sobre lasca com acabamento fino e o cuidado de retirar todo o córtex da peça.⁸

Estes dados são importantes, por causa da antiguidade dos sítios arqueológicos citados acima, o sítio arqueológico Areião, conjuntamente com o Cuó, apresentou uma datação absoluta por Carbono 14 de 3380 anos BP, datação adquirida de uma estrutura de combustão identificada no nível nove (80-90 cm) do sítio⁹. Já no sítio arqueológico Riacho da Volta apresentaram datações radiocarbônicas onde foram coletadas amostras de carvão a uma profundidade de 1,20 metros, que resultou em uma datação de 9.000 anos BP¹⁰, como também datações radiocarbônicas mais recentes, mesmo período de Areião, que vai de 3400 anos BP até 500 anos BP¹¹.

Com os dados levantados até o momento podemos afirmar que as ocupações de grupos caçadores coletores que habitaram os fundos de vale na área do município de Florânia estão ligadas a esses grupos que habitaram no interior aproximadamente há 9.000 anos atrás e poderemos responder a muitas questões referentes a esses grupos pré-históricos, como a sua expansão territorial, características culturais e padrões de assentamento.

A segunda ocupação pré-histórica identificada nas pesquisas arqueológicas está ligada a grupos ceramistas Tupiguarani. Até o presente momento foi pesquisada sistematicamente a zona litorânea do Rio Grande do Norte, durante pesquisas do PRONAPA por Nassaro Nasser e sua equipe do Museu Câmara Cascudo e por pesquisas desenvolvidas pelo Laboratório de Arqueologia, órgão ligado ao Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

As pesquisas concentraram-se na bacia do rio Curimataú, onde foram identificados 18 sítios cerâmicos que nos forneceram material associado à cultura tupiguarani. Este material por possuir características tecnológicas idênticas foram reunidos em uma única fase que foi denominada de fase Curimataú.

No material cerâmico desta fase há um predomínio do tipo não decorado onde através da análise do seu antiplasto, pôde-se classificar três tipos de cerâmica simples: Pequeri Simples (grãos de quartzo angulosos e subangulosos e feldspato), Pirari Simples (cacos moídos, grãos de quartzo angulosos e subangulosos) e Cunhaú simples (grãos de quartzo leitoso anguloso e subangulosos e raramente hematita e feldspato). O tipo de queima é por oxidação incompleta, sendo o acordelado o modo de manufatura mais usual.

A pintura em vermelho e preto sobre o engobo branco é a decoração diagnóstica desta fase, mas também foram encontrados cacos cerâmicos com decoração vermelha sobre o branco, dois tons de vermelho também são utilizados, assim como, o banho vermelho sobre toda a peça, tanto interna como externamente. Os desenhos das peças formam simples motivos lineares, presentes na parede e borda dos vasilhames, esses motivos são linhas paralelas individuais ou em pares, em preto ou marrom, que saem de linhas horizontais em vermelho, tendo estas linhas largura variada. Na base foram identificados motivos curvilíneos em preto, sendo em alguns casos essas linhas curvilíneas serem pontilhadas. Como também são encontrados desenhos formando padrões geométricos.

Há uma grande diversidade nas formas e tamanhos dos vasos cerâmicos da fase Curimataú, sendo encontrados vasos em meia-calota, elipsóide, esférico e carenados. Sendo também diversos os tipos de lábios, como planos, apontados, biselados, arredondados e dentados. Em relação às bordas podemos encontrar do tipo direta, extrovertida vertical e inclinada internamente, inclinada externamente e também do tipo reforçada externamente, principalmente no caso das cerâmicas pintadas. As bocas desses recipientes são nas formas circulares, quadrangulares e elípticas, tendo a mesma, grande variedade nas formas das bases, que podem ser arredondadas, planas irregulares e mesmo levemente cônicas.

O tipo de decoração plástica mais encontrado associado à fase Curimataú, é a borda direta e entalhada com lábio arredondado, mas também há o uso do escovado, acanalado e com menos frequência à decoração do tipo corrugada.

Estas pesquisas iniciadas na década de 60, como já foi dito anteriormente, tiveram seu prosseguimento com o professor Armand François Gaston Laroche que à frente da equipe de Arqueologia do Museu Câmara Cascudo pesquisou o sítio de Mangueiros no município de Macaíba próximo a Natal em 1978. Neste sítio a equipe coletou em superfície material lítico e cerâmico (307 cacos). A cerâmica coletada no sítio Mangueiros possui formas esféricas e quadrangulares, com paredes grossas e tempero anguloso e subanguloso, foi encontrado apenas um fragmento com decoração corrugada. Laroche denominou esta fase de “Potengi”, mas que pelas características devem pertencer à fase Curimataú identificada por Nássaro Nasser. Foram coletadas bordas retas, inclinadas interna e externamente e extrovertidas; os lábios são retos, planos e arredondados e as poucas bases encontradas são dos tipos planas e arredondadas. Nos cortes estratigráficos realizados neste sítio coletaram-se 584 fragmentos cerâmicos que parecem tratar-se de material de contato entre dois grupos. Os fragmentos possuem características das fases “Potengi” e Papeba-cerâmica encontrada no Rio Grande do Norte que merece um estudo mais apurado - o tempero, as formas, bordas e lábios teriam características Papeba, enquanto o tratamento de superfície teria características da fase “Potengi”. Esta cerâmica recebeu a denominação por parte de Laroche de fase Macaíba, que a dividiu em 4 tipos de acordo com as diferenças existentes no antiplasto, engobo e decoração, sendo estas: Macaíba Simples Grossa, Macaíba Simples Fina, Macaíba Pintado e Macaíba com Engobo. O material lítico é composto por microlascas e artefatos em sílex, quartzo e arenito silicificado.

As pesquisas no estado foram continuadas a partir de 1986 com o arqueólogo Paulo Tadeu de Souza e o projeto arqueológico de Vila Flor. Neste projeto foi resgatado material cerâmico pintado associado à fase Curimataú nas proximidades desta cidade nas escavações da missão Carmelita de Nossa Senhora do Desterro do Gramació. O material apresenta decoração vermelha e preta sobre branco e preto sobre branco, formando complexos padrões geométricos.

As pesquisas no Rio Grande do Norte seguiram em frente com outro projeto arqueológico chamado “O homem das Dunas” que objetivava levantar e mapear os sítios arqueológicos nas regiões do litoral potiguar. Foram registrados sítios “desde a desembocadura do rio Curimataú até a fronteira com o Ceará, que corresponde ao ecossistema dunar-lagunar norte-rio-grandense”¹².

Entre as cerâmicas coletadas nos sítios arqueológicos localizados nas dunas do Rio Grande do Norte foram registradas grandes quantidades de cacos cerâmicos que podem ser identificados como da tradição tupiguarani associados à fase Curimataú.

Estes sítios dunares forneceram uma boa quantidade de materiais líticos que podem ser facilmente encontrados devido à ação dos ventos. Este material lítico é composto por lascas e artefatos nos mais variados tipos de matéria prima, como, sílex, calcedônia, jaspe e quartzo¹³.

Foram descobertos sítios como o denominado Fim do Mundo em Genipabu, uma praia do litoral norte do estado Rio Grande do Norte. Neste sítio que se localiza numa paleo-lagoa, coletaram-se boas quantidades de material lítico, lesmas de tamanhos variados e núcleos com sinal de debitagem, em associação com cerâmica fragmentada tupiguarani com decoração pintada, estes fragmentos cerâmicos também ficam expostos com facilidade pela ação eólica.

Os grupos identificados no levantamento arqueológico do município de Florânia, estão implantados nos platôs da serra da Tapuia, estando a maioria dos sítios arqueológicos próximos às encostas da serra. Esses dados sobre a implantação de sítios arqueológicos ligados à tradição arqueológica Tupiguarani estão fora dos padrões de assentamento estabelecidos por pesquisas no Rio Grande do Norte e em outros estados brasileiros:

Em primeiro lugar, verifica-se que este grupo, em perpétua expansão, nunca se interessou em progredir nas regiões secas atualmente (onde existem sítios, há um mínimo de um metro de precipitação anual); também não se adaptaram as terras frias, de altitude e de latitude: jamais ficaram onde há mais de cinco dias de geada noturna por ano; evitaram as regiões acidentadas, havendo raríssimos indícios de sua presença em altitudes superiores a 400 metros acima do nível do mar; em compensação sempre são encontrados a curta distancia dos rios navegáveis, em zonas da mata. Com efeito, o ambiente de 96% dos sítios e da mata pluvial litorânea, de mata pluvial tropical ou subtropical encontrada nos grandes vales meridionais ou nas zonas onduladas do Centro-Sul, ou ainda na matas ciliares (que acompanham os rios) e no cerrado nas regiões algo mais secas.

As porções superiores dos vales, as regiões acidentadas de campo ou mata de araucária no Sul, os territórios secos de cerrado ou caatinga no Centro e Nordeste atuaram como centros repulsivos.¹⁴

Estes sítios identificados na pesquisa estão implantados a uma altitude media de 700 a 750 metros acima do nível do mar, onde o nível pluviométrico anual não ultrapassa 800 milímetros. O que podemos indicar como fatores que levaram a esses grupos a habitarem os platôs das serras seria o clima mais ameno em relação à porção mais baixa da região, que apresenta o clima característico do semi-árido, como também a qualidade do solo, que segundo moradores locais, é muito boa para o cultivo.

Estas informações apresentadas acima, de forma inicial, apontam para um novo padrão de ocupação dos grupos tupiguaranis em território potiguar. Até o presente momento, esses grupos ceramistas segundo informações de pesquisas arqueológicas, habitaram somente a zona litorânea do litoral potiguar. Estas informações não elucidaram nenhuma questão referente a esses grupos ceramistas do nosso Estado, pelo contrário, levantam novas informações sobre a ocupação tupiguarani no Rio Grande do Norte.

Referências

ARQUEOLOGIA BRASILEIRA EM 1968. (1971). Vários autores. Um relatório preliminar sobre o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. Belém, Museu paraense Emilio Goeldi, Publicações Avulsas n. 15, p. 179-186.

ARQUEOLOGIA BRASILEIRA EM 1968. (1974). Vários autores. Um relatório preliminar sobre o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. Belém, Museu paraense Emilio Goeldi, Publicações Avulsas n. 26, p. 155-163.

FRÉDÉRICE, Louis. **Manual Prático de arqueologia**. Coimbra, Portugal: Livraria Almedina, 1980.

LAMING-EMPERAIRE, Annete. **Guia para estudo das indústrias líticas da América do Sul**. Curitiba: Universidade do Paraná, 1967.

LAROCHE, Armand François Gaston. **Sugestões para um modelo de primeira abordagem a uma análise interpretativa de uma coleção de artefatos líticos: estudos sobre artefatos líticos procedentes do Sítio Arqueológico Bom Sucesso (Riacho da Volta) – Angicos (RN)**. Natal: MCC/UFRN, 1983. (Suplemento 13).

_____. **Sugestões para uma classificação das “pontas foliáceas e lesmas”**. Natal: MCC/UFRN, 1981. (Suplemento 9).

_____. **Relatório das pesquisas realizadas referente ao estudo de grupos humanos pré-históricos pertencentes a tradição potiguar**. Mossoró: Coleção Mossoroense, 1987.

_____. **Estudo arqueológico de tanques e cavernas nos municípios de São Tome, Açú, São Rafael e Martins**. Natal: MCC/UFRN, 1987.

_____. **Notas preliminares sobre: “o sítio pré-histórico da Casa de Pedra: município de Martins – RN”**. Mossoró: Coleção Mossoroense, 1988.

LAROCHE, Armand François Gaston; LAROCHE, Adjelma S. Silva. **O Sítio arqueológico de mangueiros (Macaíba/RN)**. Recife: Editora Massangana, 1982.

LEROI-GOURHAN, André. **Dictionnaire de la préhistoire**. Paris, França: Universitaires de France, 1997.

LUNA, Suely; NASCIMENTO, Ana.(1997). A cerâmica arqueológica dos sítios dunares no Rio Grande do Norte-Brasil. CLIO-Série Arqueológica, n. 12. Recife, UFPE; p. 17-25.

MARTIN, Gabriela. **Pré-história do nordeste do Brasil**. 3 ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1999.

MONTEIRO, Denise Mattos. **Introdução à história do Rio Grande do Norte**. Natal: Editora da UFRN, 2000. 246p.

MORAIS, José Luis de. Tópicos da Paisagem. **REVISTA do Museu de Arqueologia e Etnologia**. São Paulo: USP, 2000. p. 03 – 30.

PROUS, André. **Arqueologia brasileira**. Brasília: Ed. UNB, 1992.

ROBRAM-GONZALEZ, Érika et alli. **Programa de prospecção e resgate do patrimônio arqueológico da Linha de Distribuição 138 Kv Assu/Guamaré**. (COSERN 2004).

Notas

¹ RIBEIRO, Pedro A. Mentz. **Manual de introdução à arqueologia**. p. 17.

² FRÉDÉRIC, Louis. **Manual pratico de arqueologia**. p. 38.

³ Idem. p. 56.

⁴ MORAIS, José Luis. **Tópicos da paisagem**. p.8.

⁵ Idem. p. 8.

⁶ Idem. p.8.

⁷ MONTEIRO, Denise Mattos. **Introdução a história do Rio Grande do Norte**. p. 167.

⁸ ROUBRAHN – GONZÁLEZ, Érika Marion, et alli. **Programa de prospecção e resgate do patrimônio arqueológico da Linha de Distribuição 138 Kv Assu/Guamaré**. P.166. e LAROCHE, Armand François Gaston. **Sugestões para um modelo de primeira abordagem a uma análise interpretativa de uma coleção de artefatos líticos: estudos sobre artefatos líticos procedentes do Sítio Arqueológico Bom Sucesso (Riacho da Volta) – Angicos (RN)**. p.19.

⁹ ROUBRAHN – GONZÁLEZ, Érika Marion, et alli. **Programa de prospecção e resgate do patrimônio arqueológico da Linha de Distribuição 138 Kv Assu/Guamaré**. p.165.

¹⁰ LEROI-GOURHAN, André. **Dictionnaire de la préhistoire**. p. 52; LAROCHE, Armand François Gaston. **Sugestões para um modelo de primeira abordagem a uma análise interpretativa de uma coleção de artefatos líticos: estudos sobre artefatos líticos procedentes do Sítio Arqueológico Bom Sucesso (Riacho da Volta) – Angicos (RN)**. p.26 e PROUS, André. **Arqueologia brasileira**. p. 192.

¹¹ LAROCHE, Armand François Gaston. **Sugestões para um modelo de primeira abordagem a uma análise interpretativa de uma coleção de artefatos líticos: estudos sobre artefatos líticos procedentes do Sítio Arqueológico Bom Sucesso (Riacho da Volta) – Angicos (RN)**. p. 19.

¹² NASCIMENTO, Ana, LUNA, Suely. **A cerâmica arqueológica dos sítio dunares do Rio Grande do Norte-Brasil**.P. 17.

¹³ MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil**.

¹⁴ PROUS, André. **Arqueologia brasileira**. p. 373.